

Operadora:

Bom dia, e obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul) para discussão dos resultados referentes ao 1T19. Estão presentes hoje conosco os Srs. Júlio Brunet, Diretor de Planejamento, Atendimento e de Relações com Investidores; Werner Kohler, Superintendente Executivo da Unidade de Contabilidade; e Alexandre Ponzi, Superintendente Executivo da área de Relações com Investidores.

Informamos que este evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da Companhia. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas exclusivamente para analistas e investidores, quando mais instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a conferência, queira, por favor, solicitar a ajuda de um operador, digitando *0. O replay deste evento estará disponível logo após seu encerramento, por um período de sete dias.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas de negócios do Banrisul, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da Diretoria da Companhia, bem como em informações atualmente disponíveis.

Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer.

Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais podem afetar o desempenho futuro do Banrisul e podem conduzir a resultados que diferem, materialmente, daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora, gostaríamos de passar a palavra ao Júlio Brunet, Diretor de Planejamento, Atendimento e de Relações com Investidores do Banrisul, que dará início à apresentação. Por favor, Sr. Júlio, pode prosseguir.

Júlio Brunet:

Bom dia a todos. É um prazer estar aqui com vocês para mostrarmos os nossos números do 1T19. Basicamente, a estrutura da nossa apresentação é: os números serão apresentados pelo Alexandre Ponzi; e depois, na parte de perguntas e respostas, estaremos à disposição para responder. Dou a palavra ao Alexandre Ponzi.

Alexandre Ponzi:

Eu vou começar pela composição do lucro líquido do Banrisul no 1T deste ano, de R\$320 milhões, absolutamente recorrente, com uma evolução positiva de quase 7% em relação a dezembro e de 31% em relação a maio.

Existem vários elementos que ajudaram na composição, mas começamos pela última linha: a taxa efetiva de imposto de renda, agora ajustada às alíquotas da contribuição social e outros elementos, passa abaixo de 38%, e esperamos alguma coisa ao redor de 25% a 28% para 2019 como um todo. Então, ela também ajuda na composição do resultado da última linha, mas ele será depurado na sequência, começando pela margem financeira.

A margem financeira é estável em relação a março do ano passado e cai quase 15% em relação a dezembro. Com relação a dezembro, nós temos que fazer a consideração de elementos adicionais outros, que fazem parte do dia a dia do Banco, mas que ocorreram com uma magnitude maior, que foram a recuperação de créditos baixados a prejuízo no último trimestre.

Créditos baixados a prejuízo têm os componentes de adicionarem receita financeira, mas, para “netar” o resultado, eles também acabam fazendo uma inflexão negativa no aumento da despesa de provisão, conforme vamos falar na sequência. Portanto, o resultado é neutro no momento da constituição da carteira de crédito recuperado, originalmente baixado a prejuízo.

A margem financeira, sim, tem uma pequena queda. Ela está neutra hoje por condições econômicas e de concorrência. Quando nós pegamos a formação da carteira de crédito do Banco, que cresce, no total, 7,7% em março deste ano contra março de 2018, a principal carteira de crédito, que é a comercial, corresponde, hoje, a 73% da carteira de crédito total – 71% em março do ano passado –, e ela tem um crescimento de 10,4% em estoque.

A principal carteira de crédito comercial é a carteira pessoa física, com, hoje, uma participação de 56% no total do crédito do Banco, 51% em março. E a principal linha da carteira comercial continua sendo o consignado. O consignado, hoje, corresponde a 41% da carteira de crédito total do Banco, 55% da carteira comercial e, dentro da carteira pessoa física, são quase 75% de proporcionalidade, crescendo em relação a março do ano passado.

Então, a carteira comercial PF cresce 18% e o consignado cresce 23%, um crescimento absolutamente robusto, sustentável e que nos dá uma vantagem com relação à preservação de qualidade de crédito.

Mas, quando nós trabalhamos com a outra componente da carteira comercial, a pessoa jurídica, nós verificamos que o estoque de R\$6,6 bilhões em março deste ano caiu 8,7% em relação a março do ano passado.

A principal linha da carteira PJ, o capital de giro, tem 11% da carteira total do Banrisul, contra 14% em março do ano passado, portanto, quase 11% de queda. Eles estão, para efeitos de composição e formação de margem, impactados também por elementos de mercado, de composição de taxas.

As taxas médias do Banco, conforme reportadas nas nossas demonstrações financeiras, sofrem, na principal carteira de crédito comercial, uma queda de 10%. Estamos falando

de taxa média, e não de taxa na ponta, que deve estar, hoje, com taxas inferiores à que estamos apresentando.

A composição das taxas médias na pessoa física cai 11,74%; no consignado, quase 10,5%. Então, nós estamos falando em carteiras que cresceram, com redução de taxa. Na carteira PJ, em que houve queda de estoque, as taxas, no agregado, caíram 10,6%; no capital de giro, 12,21%.

Portanto, a resiliência da margem em relação a março do ano passado, que permite que tenhamos tido o mesmo número mantendo a margem dentro do intervalo de expectativa do Banco, tem esse componente que está sendo afetado pela taxa na originação do crédito e pelo fato de que uma carteira ainda continua reduzindo o seu saldo a cada trimestre.

Ela sofre risco de ficar um pouco menor, em relação aos trimestres seguintes? Possivelmente, sim. Porque o crescimento da carteira consignada ainda não vai mitigar na totalidade, enquanto a carteira PJ continuar caindo. Mas ela não coloca em risco absolutamente algum o *guidance* do Banco, de margens com intervalo entre 7,5% e 8,5%. Nós temos, anualizado, o resultado do trimestre, que é de 8,4%.

Portanto, estamos confortáveis e absolutamente contentes com o resultado da margem produzida este ano e, também, na sequência, com as despesas de provisão.

A despesa de provisão tem uma queda, em relação a março do ano passado, de 6,4%; e, em relação a dezembro, por conta daquele efeito de recuperação de crédito baixado a prejuízo e da constituição de provisão decorrente desse mesmo crédito, tem uma queda um pouco menor. A provisão também, com seu ritmo de 3,7%, dentro do *guidance*, é absolutamente confortável para o Banco, e a qualidade do crédito ratifica isso.

A nossa estrutura de captação continua crescendo, 10% em doze meses – ou seja, tem um crescimento real –; preserva o custo ao redor de 90% do CDI; e tem, hoje, uma relação crédito-depósito favorável.

Na medida em que haja algum elemento externo de economia, que, infelizmente, nós não estamos vendo – os sinais que vemos preservam o conservadorismo do Banrisul, com relação à forma como está atuando até agora –, qualquer elemento que faça com o que Banco fique mais tentado a modificar sua estrutura de ativos rentáveis, temos, hoje, uma estrutura de liquidez que permite fazer, a um custo baixo, a passagem de ativos de rentabilidade menor, tesouraria, para ativos de maior rentabilidade, ajustado ao modelo de crédito e risco e à estrutura de originação, com velocidade.

Receitas de prestação de serviço têm uma queda natural em relação a dezembro, por conta de sazonalidade. Em dezembro, estamos trabalhando com um trimestre absolutamente forte – final de ano, festas e etc. – contra um trimestre mais fraco, sazonalmente.

E, ainda, contando com um incremento de receita em dezembro do ano passado, de uma das empresas do Banco. Foi uma receita – que não vamos colocar como extraordinária,

mas que ocorreu naquele trimestre e esperamos ver, daqui a pouco, uma ocorrência mais forte ao longo dos próximos meses – que ajudou a acentuar a queda que já teria um ajuste sazonal.

Em relação a março do ano passado, quando a sazonalidade já não existe para a comparação, nós tivemos como fator principal para justificar uma queda de quase 9% o fato de que, em março do ano passado, receitas de MDR capturadas pela Rede Vero, que eram contabilizadas como receita bruta na empresa de cartões, consideravam também o *interchange* como parte da composição da receita bruta.

A partir de maio de 2018, foi feito todo o ajuste contratual e o ajuste contábil, pelo qual as parcelas que são arrecadadas por conta do MDR bruto, mas que não pertencem à empresa de cartões, são transferidas ao destinatário final e não compõem o faturamento bruto.

Para efeito de comparação marginal, tivemos o MDR da Cartões, de forma bruta, de cerca de R\$165 milhões no 1T18; se fizéssemos a depuração com o modelo contábil vigente neste 1T, que ainda vai estar impactado para efeito de análise ao longo do 2T, sendo o 3T deste ano comparável, ele teria caído em cerca de R\$30 milhões.

Portanto, estamos falando de um crescimento da estrutura de receitas e prestações de serviços em uma velocidade compatível com o mercado, ajustada, agora também na parte de MDR, à competição, à pressão por incrementos de *market share* e etc., mas que a Cartões vem trabalhando de forma bastante resiliente; tanto é que o crescimento do lucro líquido dela, hoje, em torno de R\$60 milhões, ficou em quase 12% em relação ao mesmo período do ano passado, mas melhoramos a eficiência.

As despesas administrativas do Banco têm um crescimento, quando comparamos março contra março, de 2,2%; e, contra dezembro, de 3,9%. Então, ele é absolutamente confortável, abaixo dos índices de inflação, e ainda não conseguimos obter uma eficiência maior em cima da despesa de pessoal porque dezembro estava impactado pelo provisionamento das despesas com incentivos aos empregados.

Nós oferecemos a 600 empregados um incentivo para que eles se desligassem do Banco até março, e houve um volume de cerca de 550 empregados que foram saindo ao longo do 1T, muito mais próximos e durante o mês de março.

Portanto, ainda temos elementos positivos de recomposição de eficiência quando nós compararmos despesas de pessoal, que já estão controladas, no 2T em relação ao 1T. As demais despesas estão em um ritmo absolutamente confortável para o Banco. Outras despesas operacionais e despesas operacionais recorrentes foram impactadas por uma evolução positiva no provisionamento de despesas com provisão trabalhista.

Os ativos totais crescem 8,5% em doze meses, pouco menos de 1% em relação ao trimestre. A carteira de PDM, que é o saldo excedente que não é aplicado em crédito, por conta de tudo isso que foi explicado, está neutra em relação a dezembro, mas tem um crescimento de 10%, ratificando aquela resiliência do Banco na parte de atração de recursos de clientes de varejo a custo baixo.

Ainda assim, a carteira de crédito cresce quase 8%, focada no crescimento robusto da carteira de crédito comercial, sobretudo da carteira de crédito consignado.

O índice de provisionamento é de 7,5% em relação à carteira de crédito total, conforme havíamos anunciado.

A abertura da carteira de crédito tem exatamente o mesmo desenho que vínhamos apresentando ao longo dos últimos trimestres, com um reforço maior desta vez na participação relativa da pessoa física e do consignado, que cresceu, na sequência, nas várias linhas de produção, sobretudo com clientes e usando a estrutura de originação de crédito consignado INSS e setor Público Federal, que crescem robustos 23% e 24% de forma resiliente nos últimos doze meses.

Na abertura da nossa estrutura de recursos captados e também recursos sobre administração, também há um crescimento forte. O patrimônio líquido do banco teve 2,4% de crescimento em doze meses e 1,2% de crescimento em três meses; R\$7,4 bilhões de PL ao final de março.

Há um índice de cobertura confortável, de pouco de menos de 295%. Estamos com quase 100% da nossa despesa de pessoal já coberta por receita de prestação de serviço; um retorno sobre o patrimônio líquido de 18,7, dentro do *guidance* esperado; qualidade do crédito, 2,56, estável em relação a março; o retorno sobre os ativos crescendo; e o índice de eficiência melhorando, e acho que temos espaço.

Com tudo mais constante, buscando essas economicidades que devem ser apresentadas daqui para frente, o índice de eficiência também deve ser positivo para o Banco, da mesma forma que a estrutura de capital de nível um e de capital total.

Depois, nós temos a abertura de agências e empregados – que podemos discutir no decorrer da apresentação ou dos questionamentos – e o *guidance* do Banco, que não teve nenhuma alteração neste período.

Com isso, eu encerro a discussão dos principais números, e nós nos colocamos à disposição dos analistas para os questionamentos que houver. Obrigado.

Otávio Tanganelli, Credit Suisse:

Bom dia, pessoal, e parabéns pelo resultado. Eu tenho uma única pergunta, sobre os *spreads* de crédito. Olhando linha a linha, parece que quase em todas as linhas os *spreads* caíram.

Além disso, nós vemos o *mix* jogando um pouco contra. Diferentemente dos outros bancos, que estão crescendo nas linhas mais arriscadas, vocês estão crescendo mais em consignado, que, apesar de ter inadimplência baixa, também tem o *spread* mais baixo. É razoável esperarmos que isso continue ao longo do ano, com uma queda de *spread* não só produto a produto, mas com o *mix* também jogando um pouco contra? Obrigado.

Alexandre Ponzi:

Eu acredito que sim. É razoável que o desenho do Banrisul agora em março se repita, pelo menos, ao longo do primeiro semestre. Certamente porque temos visto – e isso foi colocado lá no início da apresentação – não só a queda das taxas, mas a queda do estoque, sobretudo na carteira PJ, que é onde nós não crescemos e que não adiciona à margem. Na verdade, nós a vimos caindo e, ela cai no consolidado da PJ como um todo 8,7%; só na principal linha, capital de giro, cai 10,5%.

Nós temos esse componente ainda não contribuinte à formação de uma margem mais resiliente. Mas isso é inerente ao modelo e à política do Banco, pela qual nós sofremos, talvez mais do que os demais bancos, pela concentração no estado do Rio Grande do Sul, em que houve, em períodos anteriores, uma queda muito forte na economia local.

O Banco prefere, neste momento, trabalhar dentro de uma linha mais conservadora e crescendo forte o consignado. Nós falamos isso, e o consignado vem crescendo em um ritmo de 24%. Não há uma dificuldade de conseguirmos crescer, não só com os clientes do Banco, mas também utilizando toda a estrutura que temos.

Ainda, na ausência de elementos externos de um crescimento da economia, que está impactado por uma estagnação geral, índices de desemprego ainda altos e tudo o que está pendente de outros elementos para serem discutidos em nível federal, é justo dizer que devemos continuar com esse desenho e, portanto, com uma margem condicionada a esse comportamento.

Otávio Tanganelli:

Está claro, Alexandre. Obrigado.

Yuri Fernandes, JP Morgan:

Obrigado, pessoal. Eu tenho duas perguntas também. Não sei se vocês já tocaram nesses temas, mas, com relação à qualidade da carteira, chama um pouco a nossa atenção as mudanças em AA e A, carteiras de risco muito baixo.

Até entendo que essa tendência é muito boa, vocês têm muita cobertura e eu não acho que seria um problema, mas eu só gostaria de entender se essa queda do AA e A poderia estar relacionada a algum atraso do governo ou de algum município do Rio Grande do Sul, talvez mais relacionado às carteiras de consignado. Essa é a primeira pergunta.

A segunda pergunta é com relação ao custo de *funding*. O Banrisul está muito líquido, quando olhamos para o *loan-to-deposit ratio*, de fato, é um dos bancos mais líquidos que olhamos aqui no Brasil, e vocês continuam pagando bastante para *time deposit*.

Então, eu gostaria de tentar entender: até entendo que vocês fazem *spread* nesse *funding*, mas por que não ser mais agressivo e tentar otimizar melhor esse *funding* para melhorar a margem? Acho que esse foi um dos pontos negativos neste trimestre. Obrigado.

Alexandre Ponzi:

Eu vou começar pelo último ponto, Yuri, com relação ao custo do *funding*, que para nós é positivo. Ele tem uma pressão de competição na medida em que quanto mais baixo for o referencial, mais próximo ficamos dele e temos mais pressão por competição. Além disso, o CDB, por conta do direcionamento, sofre hoje também uma competição do perfil de cliente do Banco do depósito de poupança.

Então, é natural que incentivemos os recursos livres, para podermos transformar em ativos rentáveis com mais rapidez. Continuamos captando, e, jamais, o Banco esteve fechado para a captação de seus clientes. E, é um período de economia ruim, e nós temos também a faculdade de ser visto como *safe haven* para os demais.

Então, sem fazermos grandes campanhas de captação, tivemos um fluxo positivo de entrada de recursos novos na principal linha, que é o depósito a prazo. Nos preocupa menos a velocidade e o estoque da carteira, porque hoje não tem tanta facilidade de jogar em ativos mais rentáveis, sobretudo ativos de crédito.

Então, não veremos, daqui a pouco, uma competição maior por preço na ponta na parte da captação, até porque eles já estão bastante pressionados. Nós já estamos pagando o que é justo ao perfil e ao *ticket* médio do cliente do Banco.

Com relação à provisão, sim, houve alguns elementos de setor corporativo, em empresas que vinham em um curso normal, mas pediram recuperação judicial ao longo do 1T. O Banco já fez o devido reposicionamento de risco, e vamos fazer os ajustes na medida em que a situação continue.

E fizemos algumas revisitações na carteira como um todo, para adequar à estrutura e a um momento de mercado que ainda não é o mais favorável. Não tem elemento nenhum voltado ainda, e não vemos da parte do estado, com relação ao setor público; porque eles continuam pagando, em que pese ter aumentado o *delay* da folha de em torno de 13 e 14 dias, que era em dezembro, para alguma coisa próxima de 20.

A folha deve ser concluída neste mês, ao que tudo indica, no dia 23. Ela ainda não tem elementos que justifiquem que esse aumento de provisão possa ter alguma inferência com relação ao servidor público estadual. Tem, sim, uma revisitação que o Banco tem feito de modo geral, em toda a sua estrutura de carteira de crédito, para, daqui a pouco, ajustar de forma pontual o que for necessário.

Yuri Fernandes:

Perfeito, Alexandre. Muito obrigado.

Eduardo Nishio, Brasil Plural:

Bom dia a todos, e obrigado pela oportunidade. A minha pergunta é só um *follow-up* nessa parte de margem. Se olharmos a evolução das margens em 2018, vocês tiveram

uma evolução muito forte da NIM, de 8,37% para 9,66% no 4T. Sei que tem uma sazonalidade no 1T, mas teve uma queda muito forte.

Eu gostaria que vocês pudessem narrar para nós um pouco do que aconteceu; eu sei que você já explicou, mas falem de forma, talvez, um pouco mais detalhada, desse impacto. E gostaria de saber se, como sazonalmente o 1T é mais fraco, vocês esperam ter uma recuperação mais forte já no 2T – eu sei que vocês falaram que seria no 2S, mas, se você olhar nos últimos anos, vocês já tinham uma recuperação no 1T –; e se esse essa queda nos *spreads* por produto foi concentrada agora no 1T agora, se puderem comentar.

Alexandre Ponzi:

O principal componente que houve para justificar a queda entre dezembro e março foi a concentração de recuperação de crédito baixado a prejuízo com um perfil diferente das recuperações usuais recorrentes do Banco; principalmente operações que estavam em recuperação judicial, sindicalizadas, nas quais o Banco é parte do conjunto de credores e, então, acaba aceitando os termos definidos para a o plano de recuperação. E houve o reconhecimento de uma carteira nova, com o decorrente impacto em despesas de provisão.

Então, é isso o que justifica, de forma marginal, a queda que houve em março quando comparado com dezembro; não é só o efeito sazonal. É simplesmente esse efeito de uma recuperação de crédito, que é uma operação recorrente e contínua, do dia a dia do Banco.

Possivelmente, agora, recuperando a economia, cada vez mais forte, nós temos um estoque de créditos baixados a prejuízo que eventualmente será objeto de revisitação, e esse movimento pode ocorrer de forma muito mais rápida e, talvez, com *tickets* maiores. Mas é efetivamente pelo comportamento da carteira na margem quando comparamos, tirando esse efeito do 4T18, com relação à comparação da margem 1T, 2T e 3T do ano passado contra esse período que está impactado por produção e taxas menores.

Em relação a dezembro, é efetivamente elementos de recuperação que não ocorreram ao longo do 1T deste ano. Se tivessem ocorrido, possivelmente a queda da margem seria menor, e nós teríamos uma margem mais produtiva, com uma queda de provisão talvez em menor magnitude.

O efeito disso no resultado do Banco, que é o que nos interessa sobremaneira, é neutro, mas ele pode ocorrer em maior ou menor escala desde que haja possibilidade de o Banco visitar os créditos baixados a prejuízo de operações que têm condições de ser ativadas novamente ou, no decorrer da operação nova, aí, sim, fazer reivindicação de *rating* que possa ser positiva na formação do resultado final.

Esse foi o elemento quando comparamos dezembro contra março, não tem outro elemento adicional.

Operadora:

Obrigada. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Júlio Brunet para as suas considerações finais. Por favor, Sr. Júlio, pode prosseguir.

Júlio Brunet:

Obrigado pela participação. Estamos encerrando o nosso *call*.

Operadora:

Obrigada. A teleconferência da Banrisul está encerrada. Agradecemos sua participação, e tenha um bom dia.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o *website* de Relações com Investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição”.